

6. Posfácio

Relato de parto

Meu obstetra estava com viagem marcada para sexta-feira à noite. Era quarta, eu estava com 39 semanas e até aquele momento Lia não dera sinais de que estava para nascer. Mas eu queria que o parto fosse com ele e decidi, naquela manhã, sair para caminhar. De fato, durante as aulas de preparação Flora havia comentado que essa era uma maneira de se estimular o início do trabalho de parto. Coloquei um tênis e andei por cerca de 2h30 na companhia de Tiago, meu marido. Minha intenção ao fazer isso era dizer para ela que eu estava pronta. Se acaso ela também estivesse, seria muito bem-vinda.

Minha preparação começou alguns dias antes, quando assisti a vários vídeos sobre parto para tentar me fortalecer para o desafio que estava por vir. Sim, eu encarava o parto como um desafio: será que eu consigo? – me indagava. O fato de Lia ter ficado “sentada” até 37 semanas, quando fizemos uma versão cefálica externa²²⁸, havia me desencorajado um pouco. Eu estava começando a aceitar que a cesárea seria uma possibilidade concreta, que até então negara. Fiz isso para evitar possíveis frustrações, mas, por outro lado, quando Lia virou, me vi menos encorajada para o parto do que estivera ao longo de toda a gestação.

Pois bem, a caminhada daquela quarta-feira ensolarada surtiu efeito. Voltei para casa por volta de 12h e às 15h30, aproximadamente, comecei a sentir contrações leves e espaçadas. Sabia que o trabalho de parto, se realmente engrenasse, seria longo e achei por bem observar os sinais de meu corpo antes de informar qualquer coisa a alguém. Evacuei bastante, por duas vezes seguidas, e estava ciente de que esse era também um sinal. Resolvi fazer os últimos preparativos do que levaria para a maternidade. Às 17h30, temendo o trânsito, telefonei para Tiago, meu marido, que estava no trabalho em Duque de Caxias, para avisá-lo sobre o que estava sentindo. Ele falou que desligaria o computador na mesma hora e viria para casa. Disse-lhe que viesse com calma, pois não havia

²²⁸ A versão cefálica externa consiste em uma manobra realizada sobre a barriga para reposicionar o bebê que se encontra em apresentação pélvica (isto é, “sentado”), “virando-o” internamente através de movimentos manuais combinados com pressão no abdome materno.

pressa. Telefonei para Flora, quem havia contratado para ser minha doula, e perguntei se ela achava que eu deveria tentar descansar ou fazer algumas posturas para favorecer o andamento do trabalho de parto. Ela sugeriu-me que descansasse, pois seria bom que estivesse bem disposta, caso Lia realmente estivesse a caminho. Ela disse ainda que depois da longa caminhada daquela manhã eu provavelmente estava precisando recuperar minhas energias. Concordei com suas ponderações. Recordando-me do comentário feito por **Aline**, uma mulher que tinha dado à luz em uma maternidade pública e disse ter passado fome, resolvi comer uma lasanha de berinjela que estava no forno e, em seguida, fui me deitar. Tiago chegou por volta das 18h30. Sugeri que ele também comesse algo e acabei indo para a sala lhe fazer companhia. Ele colocou um filme na TV e fiquei deitada no sofá. Pedi que me preparasse uma vitamina de morango (novamente o maldito medo de passar fome!), que tomei quase de um gole só. Em seguida, comecei a me dar conta de que havia uma regularidade no intervalo das contrações e pedi que Tiago o anotasse. Elas vinham de 10 em 10 minutos. Depois de 8 em 8 minutos. Tiago tomou a feliz iniciativa de desligar a TV, apagar as luzes, deixando apenas o abajour aceso, e ligar o som. Ele havia preparado uma extensa lista de músicas para o parto, que incluíam “mantras”, músicas “tradicionais”, “animadas” e de “relaxamento”. Preferi que colocasse os “mantras” e ele assim o fez.

Tentei falar com o obstetra, que estava com o celular desligado. Deixei um recado, avisando-o que o “gato havia subido no telhado”. Eu sabia que ele acompanhara um parto naquela tarde e queria avisá-lo para que pudesse descansar um pouco, caso Lia resolvesse nascer. Ele retornou minha ligação mais tarde. Disse que estava em casa e pediu que déssemos notícias caso o intervalo entre as contrações diminuísse.

Nesse meio tempo fiz posturas da yoga, sentei e pulei na bola suíça, apoiei-me na rede e recebi massagem de Tiago, que se revezava entre essa função e aquela, burocrática, de anotar o intervalo das contrações. Com o cair da noite pedi que ele deixasse de lado essa tarefa, pois senti que o trabalho de parto estava de fato acontecendo, independentemente do que informava o relógio. Também

pedi que ele tapasse o relógio do DVD, pois não queria saber as horas. Preferia que o tempo transcorresse, sem que eu prestasse atenção nele.

De tempos em tempos o telefone tocava. Às vezes Flora, querendo informações sobre o trabalho de parto, às vezes a sogra que, ao ouvir a música, achou que estávamos dando uma festa, às vezes um primo, coincidentemente querendo saber se Lia já tinha nascido. Com exceção de Flora, não contamos nada sobre o que se passava ali. Eu preferia ficar quieta, concentrada na minha tarefa, e não queria que ninguém mais criasse expectativas. A dor aumentava pouco a pouco. Inicialmente na parte da frente, no “pé” da barriga, e nas costas e depois apenas nas costas. Colocamos um saco de água quente para tentar aliviar, mas na hora da contração pouco efeito fazia. A dor, como já havia ouvido pelos relatos de minhas entrevistadas, vinha em ondas e era contundente. Não deixava dúvidas de que Lia recebera meu chamado e estava mesmo a caminho. Eu tentava descansar nos intervalos, deitando-me no sofá. Mas à certa altura senti que já não era capaz de lidar com ela apenas com os recursos de que nós dois dispúnhamos. Pedi a Tiago que telefonasse para Flora e dissesse a ela para vir ao nosso encontro. Enquanto isso, trêmula de dor, me encaminhei ao chuveiro, por sugestão dela. A água morna sobre as costas e a grande barriga foi como um bálsamo. Senti um alívio enorme, mas ao mesmo tempo percebi que diminuía o intervalo entre as contrações. Eu gritava e pensava na vizinha que mora no apartamento de cima. Ela também estava grávida e eu ficava imaginando que meus gritos poderiam desencorajá-la para o parto. Mas não havia possibilidade de contê-los. Eu gritava, xingava, pedia socorro, pedia por Deus...

Tiago telefonou para o obstetra, que nos orientou a irmos para a maternidade. Eu tinha calafrios só de imaginar que teria que sair do chuveiro e entrar em um carro. Pedi ao obstetra que fosse até minha casa e me examinasse ali, pois sabia que ele morava perto. Mas ele não concordou e tive que colocar uma roupa, amarrar um saco de água quente nas costas e entrar no carro. Por sorte era quase meia-noite e não havia trânsito. Mas ainda assim esse foi um dos momentos mais traumáticos do trabalho de parto: cada bueiro, buraco, desnível, paralelepípedo, freada, tudo intensificava a dor das contrações. Pedi a Tiago que abrisse as janelas do carro e fui, com vento na cara, gritando pelo caminho. No

sinal vermelho, o taxista parado ao lado me observava assustado. Durante o trajeto senti o vestido ficar molhado e não sabia se era a bolsa que havia estourado. Quando finalmente chegamos à maternidade avistamos um táxi estacionando. Era Flora que, avisada por Tiago sobre a ida à maternidade, chegara junto conosco. Ela estava carregada. Além da mala que normalmente carrega, eu havia pedido que levasse a banqueta que mostrara na aula de preparação para o parto e que tinha visto sendo usada por **Iara**, durante seu parto na CP.

Desci do carro, olhei para o vestido e vi que o quê o havia molhado era sangue. Entrei na recepção da maternidade e Flora logo me acudiu, fazendo-me massagem na região lombar. Do manobrista, a quem entregamos o carro, aos funcionários da maternidade, todos pareceram bastante surpresos com a presença de uma mulher em trabalho de parto. Tiago precisou apresentar documentos e fazer a internação, enquanto uma enfermeira veio ter conosco. Primeiro sugeriu que eu fosse examinada pelo plantonista. Eu disse que não, que meu médico estava a caminho. Depois perguntou quem era a Flora. Em seguida, pediu que eu me encaminhasse para uma saleta, onde são realizadas as ultras. Eu disse que estava bem ali, aguardando a chegada de meu obstetra. Ela então confessou que iria parecer que eu estava “desassistida” – desassistida? Mas se eu estava com minha doula?. Depois de muita insistência acabei indo para a tal sala, sempre na companhia de Flora que, diante do curto intervalo das contrações, mal podia tirar as mãos de mim. Eu ficava de cócoras, enquanto me segurava em uma bancada. Flora passava óleo de arnica e massageava a região lombar.

O obstetra chegou minutos depois e ouviu de Flora o comentário de que as contrações estavam vindo uma em cima da outra. Com dificuldade deitei-me na mesa da ultra para que ele pudesse me dar o toque. Eu rezava para que estivesse com pelo menos 6cm de dilatação²²⁹ e, não à toa, comemorei ao ouvir dele que já estava com 8cm. O obstetra recomendou que fôssemos direto para a sala de parto, em vez de ir para o quarto. Antes, levaram-me de cadeira de rodas para um local onde me despi e coloquei um avental, uma touca e um protetor nos pés. No (curto) intervalo de cada contração, Flora tentou fazer o mesmo. Ela era a única que me

²²⁹ No trabalho de parto de **minha irmã**, que assisti, quando o médico a examinou pela primeira vez ela estava com 6cm de dilatação. Desconfio que foi daí que tirei esse número.

acompanhava naquele momento. Ali perdi o tampão mucoso, que saiu envolto em sangue.

Em seguida, fomos para a assim denominada “sala de parto humanizado”, uma sala de pequenas dimensões, localizada dentro do centro obstétrico. Por esse motivo não tem janelas, o que tentou ser minimizado com a pintura de uma na parede. Havia ainda um banheiro, com uma banheira de hidromassagem. Assim que entrei ali tirei a roupa e voltei a me posicionar de cócoras, apoiando-me na mesa de parto para receber a vigorosa massagem de minha doula.

Tiago, que depois de fazer minha internação também foi trocar de roupa, adentrou a sala naquele momento e começou a instalar os equipamentos que havíamos trazido: posicionou a câmera de vídeo no tripé, colocou as caixas de som do I-pod e deixou a câmera fotográfica à mão. Ele também trouxe a roupinha que Lia iria vestir quando nascesse, mas Flora se deu conta de que estavam faltando a manta e o cueiro. Tiago teve que sair e trocar-se novamente para ir ao quarto buscar. Eu não tinha idéia de quanto tempo iria demorar para o nascimento de Lia e volta e meia perguntava por ele. Temia que ela nascesse sem que ele estivesse presente.

Assim que entramos na sala de parto meu obstetra tomou a iniciativa de ligar a banheira e, quando estava cheia, perguntou se eu não gostaria de entrar nela. Concordei, recordando-me da positiva experiência que tivera no chuveiro. Mesmo a banheira sendo um pouco apertada e tendo barras de apoio mal posicionadas, foi bom ter acatado sua sugestão. Tiago ficou em pé nas bordas, dando-me seus braços, para que pudesse ter onde me segurar. Nesse momento eu estava com 9 para 10cm de dilatação e já começava a sentir vontade de fazer força. Mas, para isso, precisava me segurar em algum lugar (ou, no caso, em alguém). O obstetra de tempos em tempos ouvia os batimentos cardíacos do bebê e sempre fazia comentários positivos, dizendo que Lia estava muito bem. Ele perguntou se eu queria dar à luz ali mesmo e eu disse que poderia ser. Na realidade, o que eu não queria era mudar de posição, depois de ter encontrado ali algum conforto – se é que se pode chamar assim. Flora, sentada na borda da banheira com os pés para fora, continuava massageando minhas costas. Eu oscilava entre ficar de cócoras e em quatro apoios, de modo a cobrir a barriga com

a água. Em determinado momento senti uma pressão para baixo e ouvi um “ploft”. Em seguida, a água da banheira ficou turva e espumosa: a bolsa havia estourado.

Naquele ambiente de pequenas dimensões, em penumbra, ficava ainda mais intenso o cheiro peculiar de um trabalho de parto: uma mistura de sangue, secreção, suor. A água da banheira estava quente e havia cinco pessoas no banheiro: eu, meu marido, a doula, o obstetra e seu assistente. O calor era intenso e eu estava nua. Junto com a roupa, havia me despido de qualquer pudor: eu gritava, xingava, reclamava, chamava pela Lia, dava ordens. Em especial ao assistente do obstetra, o único que parecia não ter uma clara função ali. Ao longo do trabalho de parto, pedi a ele que retirasse o relógio da parede – motivada principalmente pelo relato de **Valquíria**, que deu à luz na CP e cuja preocupação com as horas me pareceu um tanto agonizante. Além disso, pedi que filmasse, que posicionasse melhor a câmera, que trocasse a fita, que aumentasse o volume do som. Não fui para a “partolândia”, como relataram algumas das entrevistadas do grupo da Zona Sul. Pelo contrário, eu estava totalmente presente, ligada e atenta. E a sensação era de que o assistente era *meu*, não do médico. Ele, por sua vez, parecia não se incomodar com isso.

A água turva da banheira após a ruptura da bolsa fez com que o obstetra me sugerisse sair dali. Eu rejeitei em um primeiro momento e ele acatou. Mas estava decidido a me convencer: disse que ficaria difícil tirar a circular de cordão, identificada na ultra-sonografia, se não conseguisse enxergar. Na mesma hora me levantei, aproveitando o intervalo de uma contração. Voltei ao quarto e pedi a banqueta à Flora, que a posicionou ao lado da mesa de parto. O obstetra sentou-se diante de mim, na escadinha de três degraus usada para subir na maca, e Flora atrás, em um banco. Ela massageava minhas costas e apertava os joelhos com força contra o meu quadril, favorecendo sua abertura. Tiago ficou de pé, oferecendo-me seus braços, para que eu pudesse neles segurar e fazer força durante os puxos. Aliás, esta veio a se tornar sua função durante praticamente todo o tempo em que estivemos na sala de parto.

Durante o período expulsivo, o obstetra fez um comentário do qual não me lembro e Flora riu. Como seu corpo estava encostado ao meu, isto é, como

estávamos fisicamente conectadas, a vibração de seu riso me fez tremer. Aquilo me incomodou. Pedi que parasse de rir e fizesse silêncio. O momento não era de des-contracção. Muito pelo contrário. Queria ficar quieta, concentrada, focada nas minhas sensações, aguardando a próxima contracção e o momento preciso de fazer força. Afinal, é preciso fazer muita força: uma força contínua, longa, como nunca havia feito, nem por tanto tempo, nem naquela parte do corpo, normalmente pouco acessada.

Não sei quanto tempo passamos posicionados dessa forma, nem quantas contracções foram necessárias até o nascimento de Lia. A minha sensação é de que foi muito tempo. Mas o clima nesse momento do trabalho de parto era totalmente diferente: já não havia afobação, nem calor, nem gritos. As contracções eram fortes, mas o intervalo entre elas era longo. Lembro-me de ouvir os mantras que tocavam, de tomar fôlego, descansar. Até ser interrompida pela sensação de que outra contracção se aproximava: “Tá vindo!”, disse eu, como em vários momentos do trabalho de parto. Esta era quase uma senha para que Flora retomasse a massagem nas costas. Em uma dessas contracções, fiz força pelo máximo de tempo que pude, até sentir uma enorme queimação. Era o tal do “vulcão”, de que me falara **Marisa**, uma de minhas entrevistadas na casa de parto. O obstetra comemorou: “A cabecinha dela tá aqui!”. Aquele vulcão em erupção doía para valer. “Ela está me rasgando! Dói muito!”. Mas eu queria logo que ela saísse e a queimação não me paralisou, muito pelo contrário. Fiz o máximo de força que pude, senti que minha vagina abriu-se – queimando, queimando, queimando... Aaaaaaaaaaaaaai! – e dali saiu Lia. Escorregadia, quente, com um cheiro peculiar, que nunca havia sentido. Antes de mais nada, a sensação era de alívio: Ufa! Em seguida, recebi minha filha em meus braços, tão logo o obstetra conseguiu desvencilhar-se da circular de cordão. Fiquei um pouco perdida, sem saber como segurá-la, o que fazer e como fazer. Flora rapidamente cedeu seu lugar a Tiago e ficamos os três ali abraçados, nos olhando, nos cheirando, nos sentindo, nos conhecendo.

Enquanto escrevia esse relato, me dei conta de como minha experiência de parto foi influenciada pelas várias entrevistas que fiz e partos que assisti durante a

realização da pesquisa. Pude identificar com clareza quais situações busquei reproduzir e outras que preferi não replicar. Isto é, as informações que introjetei durante a gestação (e até mesmo antes dela) me serviram de base e suporte para elaborar minha própria experiência de parto. Nesse sentido, parece não haver dúvidas de que o que se escuta – ou se vê, como no meu caso – sobre o parto interfere de maneira decisiva no que é vivido e sentido durante essa experiência, ao mesmo tempo individual e social.